UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTORIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

GÃR PÊ

Milho como símbolo da tradição na cultura Kaingang

Batista Amaral

Elizamara Ferreira

TI Guarita (RS)
Fevereiro 2015

Batista Amaral e Elizamara Ferreira

GÃR PÊ

Milho como símbolo da tradição na cultura Kaingang

Trabalho de Conclusão de Curso elaborado como requisito parcial para obtenção do título de graduação no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de SC (UFSC), nas terminalidades Humanidades e Linguagens.

Orientador. Prof. Dr. Clovis Antonio Brighenti

TI Guarita (RS)
Fevereiro 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 06 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 10:30 horas, na escola indígena da TI Guarita (RS), município de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco (RS), reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador e Presidente Clovis Antonio Brighenti, e Professora Dra. Maria Dorothea Post Darella, Titular da Banca, Professor Prof. Mestre Sandro Luckmann Suplente, designados pela Portaria Nº 26/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso dos acadêmicos **Batista Amaral e Elizamara Ferreira**, , subordinado ao título: "Milho Crioulo: Símbolo da tradição na cultura Kaingang". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Clovis Antonio Brighenti, a nota final 10, da Professora Maria Dorothea Post Darella a nota final 10, e do Professor Sandro Luckmann a nota final 9,5; sendo aprovado com a nota final 9,8. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

9,8

Terra Indigena Guarita, 06 de Fevereiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. .....

Prof. .....

Prof. .....

Candidato .....

Elizamara Ferreira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indigena do Sul da Mata Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmicos Batista Amaral e Elizamara Ferreira, matricula n.° 11100022 e 11104201, entregaram a versão final de seu TCC cujo título é GÃR PÊ Milho como símbolo da tradição na cultura Kaingang, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis,19 de março de 2015.

Orientador(a)

Em memória do Senhor
Piva Nufág Amaral
1918 - 2011

Agradecimentos

Agradecemos a Deus em primeiro lugar e também gostaríamos de agradecer em primeira mão o Prof. Dr. Clovis Antonio Brighenti por ter aceitado a ser o nosso orientador e dizer a ele que o Tupẽ o enche de vitalidade abençoando a sua família por ser uma pessoa do bem, digno do seu trabalho e ter apostado fé no desenvolvimento da nossa pesquisa. E também dizer que o curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica havia predestinado a nossa volta às comunidades para pesquisar a nossa própria realidade e de alguma forma ajudá-los. Entretanto vale apena ressaltar que finalmente se concretiza de fato a palavra do professor Zaqueu Kaingang ao afirmar que "este curso é um caminho de volta para casa".

Pelo curso e a sua equipe da coordenação e por todos os professores que deram aula para nós a nossa eterna gratidão.

Queremos também agradecer as nossas famílias que não mediram esforços para cuidar dos nossos três filhos Dieison, Léo e Théo Batista e dizer que é por eles o nosso esforço. Agradecemos por tudo o que nossos pais fizeram por nós e hoje descansam em paz. A eles a nossa saudação e dizer que estejam onde estiverem temos a certeza de que estão torcendo por nós. Agradecemos nossas mães Joana Nikó Emilio e Cacilda Sales que nos cederam entrevistas e nos acolheram em suas casas. E a todas as pessoas que deram as entrevista, nosso agradecimento.

RESUMO

O presente trabalho é resultado da pesquisa desenvolvida para elaboração do trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Com o título *Gãr Pẽ: Milho como símbolo da tradição na cultura Kaingang* buscamos realçar as práticas e relações do povo Kaingang da TI Guarita, na comunidade Nufág, na linha São Paulo com o milho. Desenvolvemos nossa pesquisa a partir do conhecimento dos mais velhos, nossos sábios, dialogando com os desafios que a comunidade enfrentou nos últimos 100 anos e vem enfrentando atualmente com as mudanças socioculturais impostas pelo Estado brasileiro. A pesquisa demonstrou o quanto o SPI e posteriormente a Funai desejaram destruir a cultura do *Gãr* através da imposição de outras variedades, da mecanização e do uso de venenos e os desafios do tempo presente. Também demonstramos o quanto a comunidade resistiu e como tem empregado as técnicas para cultivo dessa espécie por ser ela o símbolo da tradição e da cultura de nosso povo. Utilizamos o conceito de natureza Humana, empregado por Tommasino, e buscamos na mitologia a referência histórica para os Kaingang.

Palavras chaves: Gãr, Tradição, Kaingang

TU VẼME SĨ

Vẽnhrá tag vỹ ẽmã ta Guarta ki vãsã ãkré ti hẽre nỹgnĩ, jãvo uri, kar gãr ta nén ũ ki há ẽn tu vẽme nĩ.

Ken ja vãsã kanhgág ag vỹ gãr ta vãjãn tu é mã ja nỹtĩg nĩ.

Gãr ta ag vỹ vãjãnh é tavĩ hynhan ja fã nĩgnĩ.

Kỹ ẽn tu jykrén han kỹ ag kajró vỹ "gãr" ki mur ka nĩja nĩ ser ẽg mỹ.

Kỹ ẽg ta vãnhkajé ja fóg ag kóm kanhagág jykre, kar ag kajró ránrán sór ka vỹ vãsã SPI kã nén ũ ta hẽre ja, jãvo uri ti hẽre, ke tag mĩ hã kãtĩ mũ. Vã jykre ti.

Kỹ ẽg tỹ ta kanhgág tag vỹ ẽg jykre génh kỹ ta fóg ag jykre tu jãmĩ kỹ ta vẽnh jykre pir han sór mũ ser.

Ẽn tu vẽnhrá hãvẽ ser.

SUMÁRIO

Apresentação..... 10

Introdução..... 11

CAPÍTULO 1. TERRA INDÍGENA GUARITA: HISTÓRIA E LOCALIZAÇÃO..... 12

1.1 Breve história Kaingang..... 12

1.2 A denominação Guarita e a demarcação da Terra Indígena..... 15

CAPÍTULO 2. TRANSFORMAÇÕES NAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS..... 19

2.1 Agricultura Kaingang e a sua transformação..... 19

2.2 Agricultura tradicional Kaingang..... 21

2.3 O Estado como responsável pelas transformações nas práticas de agricultura Kaingang..... 24

2.4 Fatores que geraram mudança na agricultura na TI Guarita..... 26

2.5 A agricultura tradicional contemporânea..... 28

CAPÍTULO 3. TRADIÇÃO E CULTURA KAINGANG..... 32

3.1 Significado do milho no universo Kaingang – TI Guarita..... 32

Considerações finais 35

Bibliografia e fontes..... 36

Anexo..... 38

Índice de gravuras

Figura 01 Território Kaingang: campos e historicidade do espaço---------- 13

Figura 02 Terras Indígenas Kaingang ---------- 14

Figura 03 Terra Indígena Guarita---------- 16

Figura 04 Imagem da cobertura vegetal da TI Guarita---------- 17

Figura 05 Mapa hídrico da TI Guarita---------- 18

Figura 06 Uso de agrotóxico nas lavouras na aldeia Linha São Paulo ---------- 19

Figura 07 Plantação intensiva de trigo nas aldeia Mato Queimada ---------- 20

Figura 08 Poço d'água supostamente feito para abastecimento de tanque d'água de pulverização agrícola aldeia Linha São Paulo ---------- 20

Figura 09 Plantação de kanhgág *Gãr Pẽ* na comunidade Nufág de linha São Paulo-- 21

Figura 10 Senhor Argeu Mig Amaral mostrando a semente de *Gãr Pẽ* morador da comunidade Nufág Linha São Paulo ---------- 21

Figura 11 Forma tradicional de guardar a semente de kanhgág *Gãr Pẽ*---------- 22

Figura 12 Fragmentos do relatório final de Jader Figueiredo---------- 25

Figura 13 Roça em cima de olho d'agua aldeia Mato Queimado---------- 27

Figura 14 Mata ciliar em degradação (parte queimadas) com o crescimento da lavoura de plantio de milho nas encostas e nas margens do rio *Gojfã* aldeia Mato Queimado ---------- 28

Figura 15 Horta do senhor Argeu Mig Amaral morador da comunidade Nufág aldeia Linha São Paulo ---------- 29

Figura 16 Plantio de melão e melancia do Senhor José Emilio, morador da aldeia Mato Queimado ---------- 29

Figura 17 Plantações de mandioca, feijão, milho e melancia todos juntos ao redor da casa do senhor Marcos Amaral, morador da comunidade Nufág, na linha São Paulo---------- 30

Figura 18 Pomar de árvores frutíferas do Senhor Leomar Amaral, morador da comunidade Nufág da aldeia Linha São Paulo---------- 30

Figura 19 Foto da dona Joana Nikó Emilio na sua casa de chão batido---------- 38

Índice de quadros

Quadro 01 Variedade de sementes *kanhgág gãr p*ẽ---------- 22

Apresentação

Apresentamos o produto final da pesquisa sobre o *Gãr Pẽ: Milho como símbolo da tradição na cultura Kaingang*, o qual demandou meses de pesquisa junto a comunidade Kaingang da Terra Indígena (TI) Guarita, local onde vivemos.

A elaboração do presente Trabalho de Conclusão de Curso faz parte dos requisitos para conclusão do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, oferecida pelo departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A Terra Indígena Guarita, localizada entre os municípios de Redentora, Miraguaí, Tenente Portela e Erval Seco na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (RS) é o local onde desenvolvemos nossa pesquisa de campo por ser também o local de nossa moradia. Abordaremos questões envolvendo a agricultura tradicional Kaingang com ênfase para a produção do *gãr pẽ* (milho Kaingang), relacionando os desafios históricos e do tempo presente no que concerne aos conflitos com a produção em grande escala de trigo e soja na nossa TI e os malefícios provocados por essa produção em larga escala gerando riscos de degradação do meio ambiente e reprimindo o saber fazer da população Kaingang. As sementes híbridas e as sementes geneticamente modificadas provocam o domínio e extinção de outras culturas. No caso do cultivo do *gãr pẽ* percebemos exatamente o contrário da produção mecanizada porque este cultivar não prejudica o meio ambiente além de favorecer a manutenção dos costumes do nosso povo.

Introdução

Dentre os saberes tradicionais da população Kaingang na TI Guarita (RS), destaca-se a relação com o *gãr pẽ*, ou seja, o milho Kaingang. A maior parte das informações coletadas, além das pesquisas bibliográficas, ocorreu através da entrevista com o senhor Luiz Katin Matias um dos capitães da aldeia (que chamamos de setor na TI Guarita) Linha São Paulo, pela sábia da comunidade Nufág, a anciã Joana Nikó Emilio moradora do setor linha São Paulo e as demais pessoas que preferiram não citar o nome, mas que de certa forma contribuíram muito no desenvolvimento da pesquisa. Fizemos recortes geográficos focando nas duas aldeias, São Paulo e Mato Queimado, por ser local de nossa moradia e devido a dificuldade de desenvolver a pesquisa com todos os setores da TI Guarita.

O texto é organizado em três capítulos:

No primeiro capítulo faremos uma introdução com breve histórico Kaingang, a fim de situar o leitor sobre a Terra Indígena Guarita e o seus aspectos ambientais e de ocupação humana. A sua primeira demarcação ocorreu em 1918 e a segunda em 1997. No segundo capítulo mostraremos o aspecto da transformação da agricultura Kaingang tendo em vista que o Estado é o responsável pela mudança radical na agricultura tradicional desfazendo qualquer tipo de organização social Kaingang, enfim, quase tudo o que era Kaingang foi condenado pelos colonizadores. No terceiro e o último capítulo falaremos sobre a relação do milho com a visão cósmica da sociedade Kaingang fazendo uma reflexão sobre o modo de vida deste povo e identificando a importância do milho na alimentação; agregamos algumas fotos relacionadas ao *Gãr Pẽ* e apresentaremos comidas tradicionais Kaingang feitas a partir do milho, aspecto contado pela dona Joana Emilio.

O tema *Gãr Pẽ: Milho como símbolo da tradição na cultura Kaingang* foi pensado para dialogar com o paradigma criado pelo homem branco no qual somente a sua cultura tem valor. Queremos que nosso trabalho sirva para pensar na possibilidade de intervenção nas políticas públicas para nossas comunidades.

Apesar da violência histórica das mais diversas formas buscadas pelo Estado brasileiro para coibir a produção de nossas sementes tradicionais, o que percebemos hoje é a grande resistência de nosso povo, que insiste em continuar mantendo essa tradição devido a importância dessa planta para nosso universo mitológico e para nosso uso cotidiano nas atividades religiosas e sociais. Buscamos dar destaque para imagens como fotografias, que auxiliam na visualização e melhor compreensão.

CAPÍTULO 1. TERRA INDÍGENA GUARITA: HISTÓRIA E LOCALIZAÇÃO

1.1 Breve histórico Kaingang

O censo IBGE 2010 apontou que a população Kaingang soma 37.470 pessoas.[1] Dados de instituições da sociedade civil indicavam que em 2013 a população Kaingang era composta por 41.839 pessoas e ocupavam ao menos 57 Terras entre as regularizadas, as que estão em processo de regularização e as reivindicadas com ocupação Kaingang. (CIMI SUL, 2013).

Entretanto, consideramos que:

> Os Kaingang estão entre os mais numerosos povos indígenas do Brasil. Falam uma língua pertencente à família linguística Jê. Junto com os Xokleng, integram o ramo Jê Meridionais. Sua cultura desenvolveu-se à sombra dos pinheirais, ocupando a região sudeste/sul do atual território brasileiro. Há pelo menos dois séculos sua extensão territorial compreende a zona entre o Rio Tietê (SP) e o Rio Ijuí (norte do RS). No século XIX seus domínios se estendiam, para oeste, até San Pedro, na província argentina de Missiones. Atualmente os Kaingang ocupam pouco mais de 30 áreas reduzidas, distribuídas sobre seu antigo território, nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com uma população aproximada de 34 mil pessoas. Sozinhos, os Kaingang correspondem a quase 50% de toda população dos povos de língua Jê, sendo um dos cinco povos indígenas mais populosos no Brasil.[2]

Entre os desencontros de informações publicados nesta última década sobre os Kaingang, o fato é que o povo Kaingang é um dos mais numerosos povos indígenas no Brasil.

O mapa a seguir (Figura 1) permite visualizar a distribuição dessa população no centro sul do Brasil em tempos históricos, ou seja, no período da invasão do território Kaingang no início do século XIX.

Segundo Brighenti:

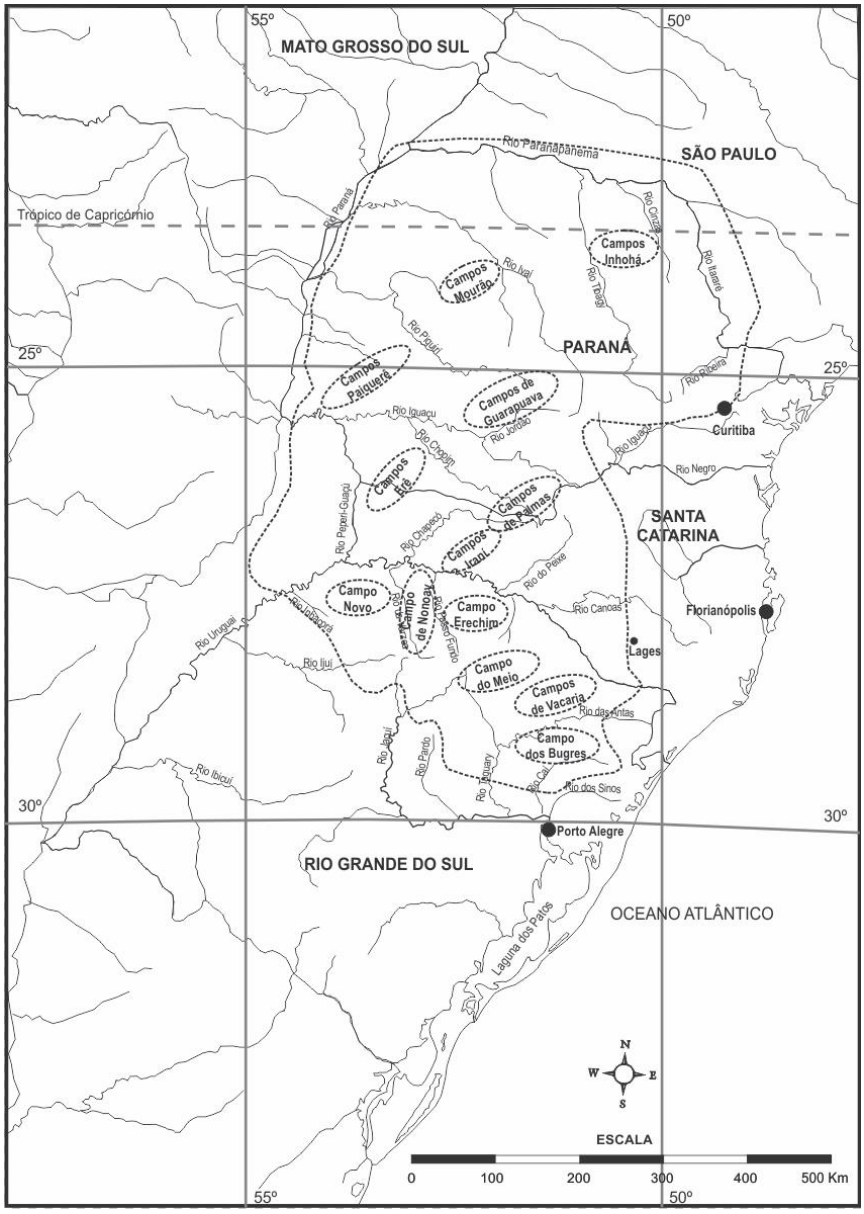
> Optamos por manter o mapa no original; embora a indicação pontilhada não revele a totalidade do território Kaingang, interessa-nos a indicação dos campos como espaço privilegiado de uso pelos Kaingang. Há presença Kaingang fora do limite pontilhado indicativo do território Kaingang. Como exemplo, temos as aldeias situadas nos municípios de Porto Alegre/RS (TI Lomba do Pinheiro, TI Morro do Osso e TI Morro Santana), São Leopoldo/RS (TI Kaingang em São Leopoldo), Braúna/SP (TI Icatu) e Arco-Íris/SP (TI Vanuíre) (BRIGHENTI, 2012, p.25).

---

[1] Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 21-02-2014.

[2] Disponível em: http://www.portalkaingang.org. Acesso em: 20-01-2015.

Figura 1. Território Kaingang: campos e historicidade do espaço



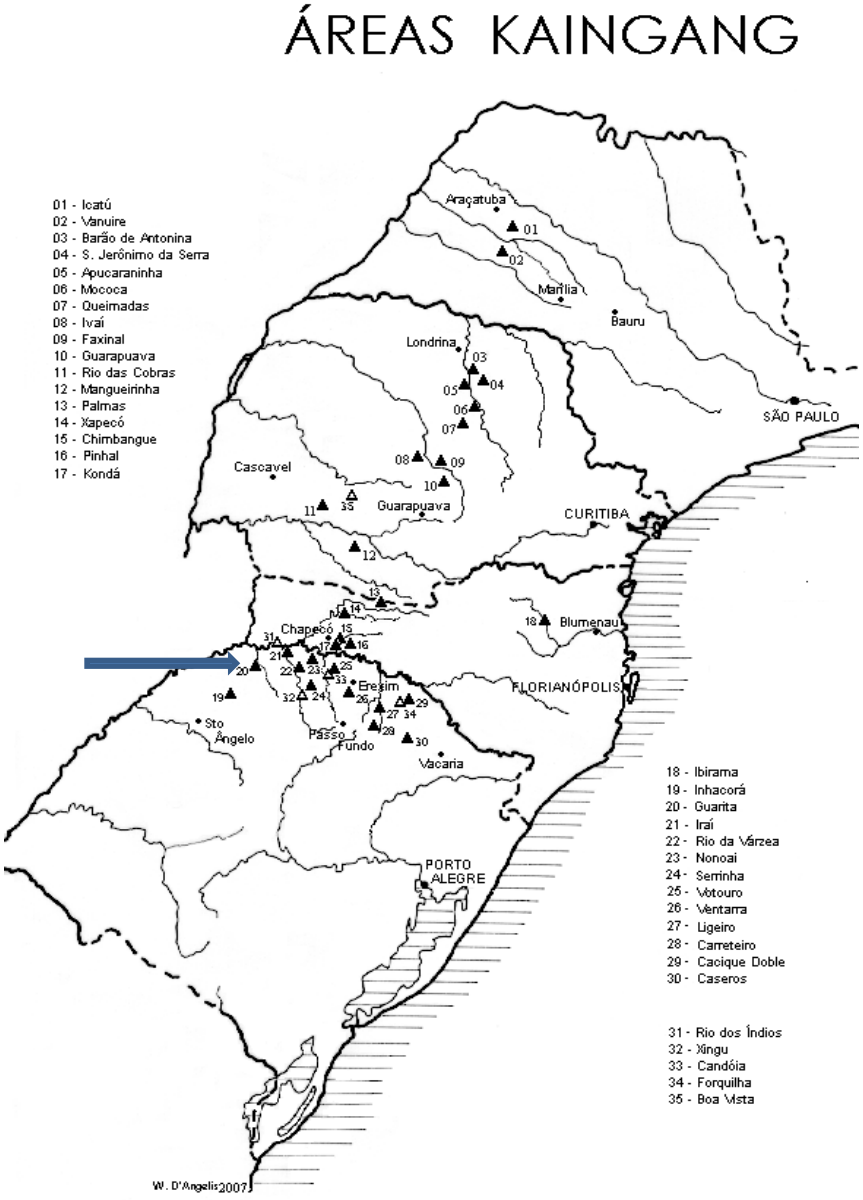
Fonte: BRIGHENTI (2012)

A partir de 1810 o território Kaingang no sul do país foi invadido pelos *fóg*. Ao invés de um território contínuo ficou fragmentado em diversas reservas que com o passar dos anos foram sendo reduzidas e muitas delas extintas. Mas, por conta das lutas e mobilizações e com apoio de pessoas e órgãos não governamentais passaram a retomar as terras tradicionalmente ocupadas. O novo texto constitucional, aprovado em 1988, reconheceu nosso direito sobre as terras o que impulsionou mais ainda a luta. Sabemos que no Brasil muitas vezes as leis não são aplicada, especialmente quando se trata de garantir o direito das populações indígenas, sabendo disso o povo Kaingang luta incessantemente pela efetivação da garantia dos direitos previstos na nova Constituição Federal de 1988. O resultado disso é que mais de 57 locais

estão ocupados, entre terras demarcadas e locais de acampamento, porém todas elas incidem em terras tradicionalmente ocupadas e estão sendo reivindicadas por nosso povo. O importante desse processo é que estamos conseguindo retomar nossas terras e assim reocupar nosso território, tornando cada vez mais concreto os direitos do nosso povo.

O mapa a seguir (Figura 2) ilustra esse momento histórico. Em 2007 D'Angelis registrou 35 locais ocupados, hoje, como dissemos são 57.

Figura 2. Terras Indígenas Kaingang (a seta indica a TI Guarita)



Fonte: D'Angelis, 2007.

1.2. A denominação Guarita e a demarcação da Terra Indígena

Conforme os relatos dos nossos anciões o nosso território Kaingang (hoje Guarita) abrangia uma área entre o rio *Sakrog* (Guarita)[3] e o rio *Sakupri* (Turvo)[4]. No início do século XX havia uma guarita no rio *Sakrog* que servia como um ponto de referência. Dessa forma é provável que a denominação da TI Guarita ocorreu por conta dessa construção.

A TI da Guarita está localizada na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul (RS), nos município de Redentora, Tenente Portela e Erval Seco. Com uma extensão de aproximadamente 23.406,87 hectares. Atualmente população é de aproximadamente 7.000 indígenas.

A primeira demarcação da terra indígena foi em 1918 pela Comissão de Terras de Palmeiras das Missões (RS) e a segunda demarcação foi em 1997. O registro no cartório de Imóveis de Tenente Portela (RS) ocorreu em maio de 1991 e no Serviço de Patrimônio da União em dezembro de 1994. No ano de 2005 a população Kaingang atingia aproximadamente 6.100.[5]

A Terra Indígena Guarita é organizada politicamente em 16 setores (consideramos setores o que muitas comunidades consideram aldeias) e cada setor possui um capitão[6]. Os setores que existem hoje são:

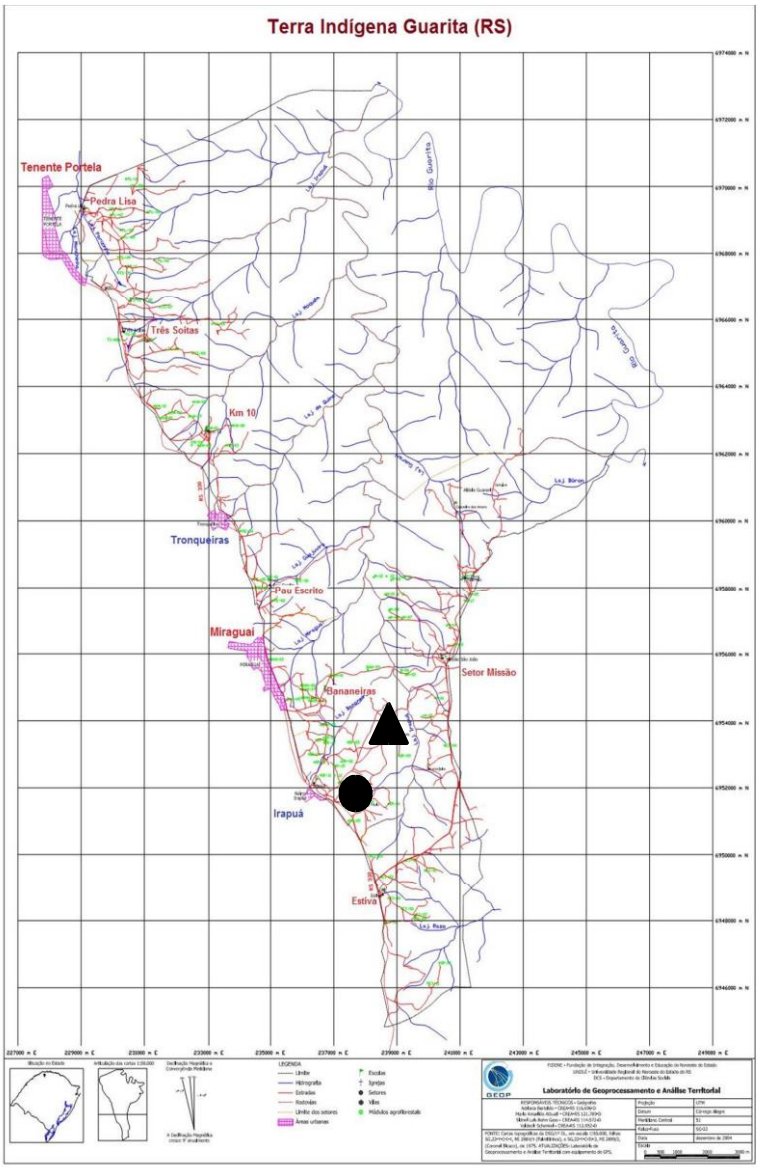
1. Estiva;
2. Laranjeira;
3. Linha São Paulo;
4. Missão;
5. Katiú Griá;
6. Irapuá;
7. Bananeira;
8. Pau Escrito;
9. Km 10;
10. Linha Esperança;
11. Três Soita;
12. ABC;

[3] O rio Guarita é denominado de *SAKROG* pelos Kaingang da Guarita
[4] O rio Turvo é denominado de *SAKUPRI* pelos Kaingang da Guarita
[5] Disponível em: www.portalkaingang.org. Acesso em: 21-01-2015
[6] Capitão: liderança Kaingang com cargo de confiança do cacique

13. Mato Queimado;
14. Pedra Lisa;
15. Linha Mó e,
16. Capoeira dos Amaros.

Alguns nomes dos setores podem não aparecer escritos no mapa (figura 3), exceto uma parte onde moram os Guarani que possuem suas organizações próprias. No mapa a seguir as representações de círculo e o triângulo são as duas aldeias que representam os recortes da Guarita que vamos falar.

Figura 3. Terra Indígena Guarita. O círculo representa a linha São Paulo e o triângulo a linha Mato Queimado.



Fonte: Laboratório de Geoprocessamento e Análise Territorial, 2004

Apesar de ser um pequeno fragmento de um amplo território, a TI Guarita destaca-se na região noroeste do RS pela sua composição florestal. Na figura 4, extraída a partir do *Google Earth*, percebe-se claramente uma mancha de verde escuro, representando a mata nativa que faz parte da sustentabilidade Kaingang. Portanto a TI Guarita tem uma contribuição importante para a sociedade regional, por ser ainda um local com meio ambiente preservado. Essa é uma riqueza imaterial de nosso povo, porque compreendemos que somos parte da natureza, como explica a antropóloga Kimiye Tommasino, sobre o conceito de "natureza humana":

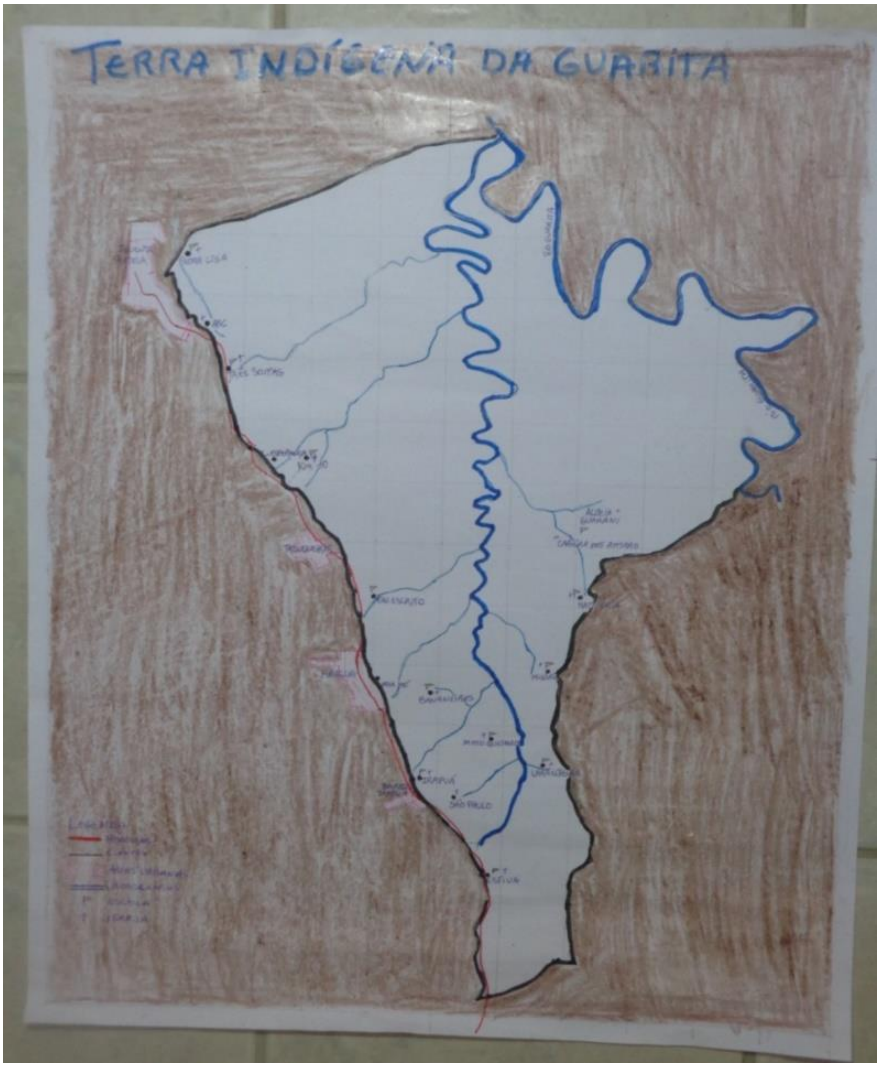
> Para os Kaingang, assim como o homem possui uma natureza animal, os seres da natureza, os animais e vegetais, também têm seus espíritos protetores. Podemos acrescentar mais ainda que, se alguns animais são também *yangré* [espírito animal] dos homens, eles são também, num certo sentido, "humanos". É possível dizer, assim, que entre os Kaingang, assim como para os povos indígenas em geral, não há dicotomia entre o universo humano, natural e sobrenatural; muito pelo contrário, são universos que se interpenetram e se influenciam reciprocamente. (TOMMASINO, 2004, p.157).

Figura 04. Imagem da cobertura vegetal da TI Guarita

Fonte: Disponível em: Google Earth: Acesso: 2012

Pörsch (apud Sompré, 2007, p. 27) informa que "a Terra Indígena Guarita contém 51,18% de mata primária, 20,52% de mata secundária 18,17% de capoeira 8,54% de terra cultivada 1,54% de terra exposta". Todavia, percebemos que as cabeceiras das nossas fontes de rios ficam localizadas bem na divisa da terra indígena com os *fóg* (sociedade não indígena). Os pontinhos escuros no mapa representam as cabeceiras dos rios, as linhas azuis representam os rios. Conforme o mapa (figura 5) as nascentes estão bem na divisa do território Kaingang com a sociedade envolvente onde o uso de agrotóxico nas lavouras é extensivo

Figura 5. Mapa hídrico da TI Guarita.



Fonte: Desenho de Argeu Mig Amaral, acadêmico do curso Licenciatura Intercultural Indígena (agosto, 2013)

CAPÍTULO 2. TRANSFORMAÇÕES NAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS

2.1 Agricultura Kaingang e a sua transformação

No ponto de vista Kaingang todos os seres que existentes na face da terra estão interligados, dizemos isso porque faltando uma espécie de animais ou vegetais em um ecossistema acontece o desequilíbrio biológico na natureza, assim, certamente uma semente não pode ser manipulada geneticamente e cultivada para substituir a outra espécie de planta desde que seja para ampliar a diversidade cultural.

Vejamos nas figuras 6, 7 e 8 o uso de agrotóxico, expansão da monocultura e suas consequências:

Figura 6. Uso de agrotóxico nas lavouras na aldeia Linha São Paulo – TI Guarita

Fonte: Foto tirada pela acadêmica da UFSC Elizamara Ferreira (junho de 2014)

Figura 7. Plantação intensiva de trigo na aldeia Mato Queimado – TI Guarita

Fonte: Foto da acadêmica da UFSC Elizamara Ferreira (outubro, 2014)

Figura 8. Poço d'água supostamente feito para abastecimento de tanque d'água de pulverização agrícola aldeia Linha São Paulo – TI Guarita

Fonte: Foto da acadêmica da UFSC Elizamara Ferreira (julho de2014)

2.2 Agricultura tradicional Kaingang

Chamaremos de agricultura tradicional Kaingang a forma própria de produzir alimentos conhecido como agricultura de subsistência ou roça.

Figura 9. Plantação de kanhgág *Gãr Pẽ* na comunidade Nufág de linha São Paulo – TI Guarita

Fonte: Foto de Associação de Revitalização da Cultura Kaingang (ARCK) (novembro, 2012)

Figura 10.Senhor Argeu Mig Amaral morador da comunidade Nufág Linha São Paulo - TI Guarita mostrando a semente de kanhgág *Gãr Pẽ*

Fonte: Foto de Associação de Revitalização da Cultura Kaingang ARCK (outubro de 2010)

Figura 11. Forma tradicional de guardar a semente de kanhgág *Gãr Pẽ*

Fonte: Foto Batista Amaral - comunidade Nufág Linha São Paulo - TI Guarita (fevereiro de 2015)

A principal fonte de alimento na agricultura tradicional Kaingang antigamente era o *kanhgág gãr p*ẽ veja no esquema abaixo:

Quadro 1. Variedade de sementes *kanhgág gãr p*ẽ.

NOME	CARACTERÍSTICA
Gãr piratu	Tem grão de semente de cor sortido amarelo e branco; sabugo fino; é uma planta baixa e com dois meses já dá para comer milho verde.
Gãr kughu	Tem grão de semente branca e bem mole.
Gãr ma	Tem grão de semente amarelado e bem mole.
Gãr nóho	Tem grão de semente avermelhado e bem mole.
Gãr sá	Tem grão de semente preto e bem mole.
Gãr tar	Tem grão de semente amarelo e bem duro.
Gãr kupri	Tem grão de semente branco e bem duro.
Gãr kógur	Tem grão de semente amarelado de aparência murcho.

Havia também gãru (milho pipoca), gãru kanẽ mag (milho pipoca de grãos grandes arredondados) e Gãru kanẽ rãnrãr (milho pipoca de grão ponta agudos).

Antes do contato todas as famílias faziam suas roças no entorno das casas. As casas representavam o centro de ocupação territorial Kaingang, quer dizer que antigamente a pessoa só era "dona" daquela terra cultivada em roda da casa e o resto do terreno ficava disponível. Observando e analisando esse aspecto da agricultura tradicional Kaingang, concluímos que ela começava no *prurfyr (*fim do terreno da casa). É neste local que eles plantam as verduras, os legumes para complementar os sabores da comida, plantam também árvores frutíferas, ervas medicinais e as árvores que dão sombra: As outras plantas como feijão, mandioca e batata doce eram plantadas depois do *prurfyr*. Longe das casas ficava a roça do milho. No final dessa sequência de plantações ficava o terreno desocupado coberto de vegetações. Conforme essa organização de cultivo, acreditamos que as plantas de uso diário ou com menos tempo para colher são plantadas perto da casa e os que levam mais tempo para colher em lugares mais longe da casa assim por diante e, a imensa floresta no final dessa sequência de plantas certamente servia para práticas de caça e extração de matéria prima.

Os Kaingang antes do contato escolhiam estrategicamente o local da moradia onde pudesse ter uma fonte de água ou vertente[7]. Prova disso é que atualmente as comunidades na TI Guarita estão localizadas perto das cabeceiras dos rios principais conforme demonstrado na figura 05.

Na busca para registrar como era a agricultura antigamente contamos sempre com a ajuda da sábia da comunidade Nufág[8] que diz:

> Vãsỹ ẽg ta prur fyr hãmĩ nén ũ fy nĩm nĩm ke tĩ, hãra uri ẽg pryr fyr vỹ mĩ nén ũ fy krãn jãvãn tĩ prastiku e tavĩ tugrĩn (...) Ẽg ta vãfár vãm fã hẽta ki ãkrãn hatavĩ nĩgtĩ. Hãra uri ẽg vãfár vỹ ta ũ tĩ gé (...) ẽg vãfár hã vỹ vẽnh mỹ ta kakanẽ koja ke, vãn jujar kar ka nĩ vãsã (EMILIO, 2014).

Traduzindo a fala da Joana quer dizer que:

> Antes do contato não havia problema de lixos nas terras ocupadas pelos Kaingang, tudo era orgânico. Os materiais de utilidade caseira como cestos, restos de extração de alguns alimentos como caroço de fruta e os resto de madeiras utilizadas, tudo isso era biodegradável, e o local das coisas rejeitadas era o *prurfyr*, e por incrível que apareça, o *pryrfyr* é o local de decomposição, então, o terreno cada vez ficava mais fértil para o plantio.

---

[7] Vertente: olho d'água;

[8] Nufág: Nome de ente querido e respeitado que viveu entre o período de 1918 e 2010. Atualmente a comunidade se identifica por este nome na TI Guarita.

Dona Joana também conta uma história que no passado os Kaingang malhavam taquaral com cassetetes depois ateavam fogo para posteriormente ser plantado, o fato é que atualmente o local é chamado de setor Mato Queimado.

E também para plantar as sementes eles utilizavam ponta fina de galho de árvore que em outros lugares chamam de *xaxo* fazendo buraco no chão colocando as sementes e enterrando com os pés, depois da germinação da semente era proibida a visita de outras pessoas, caso contrário a planta pesteia.

Havia e até hoje existe, o ritual da colheita, no qual fazemos questão de oferecer, por exemplo, a primeira espiga de milho verde para uma pessoa mais velha da família ou um líder da comunidade.

Entre as conversas sobre o assunto com as pessoas comuns, destaca-se o uso do fogo na prática de agricultura, dizem que antigamente os Kaingang derrubavam uma parte da floresta e colocavam fogo para posteriormente ser cultivado, porém o fogo era bem controlado com técnica de *jukym* (abertura de um impedimento para que o fogo não se alastrasse) conhecimento adquirido ao longo do tempo. Depois da roça plantada o dono voltava somente para colher e não se preocupavam de cuidar como hoje fazem os agricultores. Para entender o segredo desse modo de plantio os anciões dizem que o segredo está na semente Kaingang.

Dentre muitas informações percebemos a importância de valorizar os *kófa* (anciões) sábios da comunidade. Porque para garantir a sobrevivência antigamente, os jovens teriam que aprender com as pessoas mais velhas da sua aldeia e são eles que deliberavam sobre o grupo social conduzindo a um bom caminho. Também são eles que aconselhavam os recém-casados sobre a vida de casal, mas hoje ao contrário, os idosos muitas vezes são deixados de lado por falta de compreensão de certas “pessoas” que são eles os precursores dos valores da cultura do nosso povo Kaingang. Porém, saibam que para uma pessoa se constituir Kaingang tem que ter no mínimo vivido lado a lado com o *kófa* de uma aldeia qualquer e ter a sensibilidade de sentar para ouvir o que um ancião tem a falar por que não vale apenas dizer que é Kaingang exigindo o seu direito e não cumprir com os seus deveres.

2.3 O Estado como responsável pelas transformações nas práticas de agricultura Kaingang – TI Guarita

Com o passar do tempo, conforme as pesquisas bibliográficas realizadas, a partir da década de 1940 o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) passa a ser subordinado ao Ministério da Agricultura e nesse período de tempo o Estado inicia a mecanização das terras indígenas arruinando a vida deste povo, desfazendo as suas maneiras próprias de produzir alimentos, forçando-os a produzirem para o mercado, provocando uma grande inconveniência nessa sociedade que produzia somente para o seu próprio sustento.

O SPI além de introduzir a produção de trigo, soja e o milho híbrido nas terras indígenas garantiu aos camponeses arrendamentos das terras indígenas que se estendeu até por volta década de 1970.

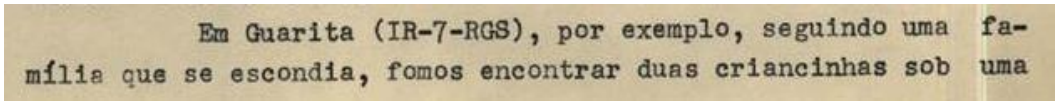
E, em 1977, em depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Congresso Nacional que apurava as irregularidades e crimes cometidos pela FUNAI contra os povos indígenas, o general e presidente da FUNAI Ismarth de Araújo informa que nas TIs no sul do Brasil havia 2.267 famílias de agricultores arrendando e "intrusando" as Tis. Apenas na TI Guarita eram 271 famílias de *fóg* (BRIGHENTI, 2012).

Nessa época havia uma compreensão da sociedade nacional que os povos indígenas deveriam ser integrados a comunhão nacional, porque era assim que determinava a Constituição Federal de 1934, 1946 e 1967 (CUNHA, 1987).

Eram considerados crimes apenas os casos de visível agressão a pessoa ou a apropriação individual do patrimônio indígena, porém foram raros os momentos que esses crimes se tornaram públicos.

A seguir um dos casos denunciados pelo Jader Figueiredo Correia, quando produziu um inquérito a pedido do Ministério do Interior, em 1968, apontado inúmeras irregularidades e crimes cometidos por funcionários do SPI contra os indígenas, como podemos demonstrar no fragmento abaixo do Relatório Figueiredo:

Figura 12. Fragmentos do relatório final de Jader Figueiredo


Em Guarita (IR-7-RGS), por exemplo, seguindo uma fa-
mília que se escondia, fomos encontrar duas criancinhas sob uma

moita tendo as cabecinhas quasi completamente apodrecidas de horro
rosos tumores provocados pelo berne, parasita bovino.

Exigimos o encaminhamento dos infelizes ao médico e, logo a seguir, verificamos que, enquanto nenhuma assistência era prestada aos índios, o chefe Luiz Martins da Cunha, vendia grandes partidas de gêneros da produção do Posto para manutenção de sua família em regime de mesa lauta, enquanto lançava fraudulentamente os gastos na prestação de contas como sendo distribuição aos indígenas de sapatos, alimentos e remédios.

Fonte: CORREIA, p.4917 e 4918.

Tudo isso reflete que em alguns tempos atrás muitos Kaingang deixaram de usar a sua língua e os seus hábitos alimentares, ou seja, as atividades cotidianas, o que resultou numa profunda desgraça onde muitos índios na época negaram a sua própria identidade étnica cultural para não se submeter a opressão.

Em comentário da dona Joana sobre ação do SPI ela diz que:

> (...) kukrūmág hã tugrĩn ẽg vỹ ẽg kajró pẽ tuvãnh kren mū. Mỹr ẽn kã ẽg vỹ ravora tavĩn ki rãnhrãj mũg tĩ. Ẽg pi ser ẽg ta nén ū han fã ẽn hynhan mãn mū há mã. Kar ẽn kã ūn ta ravora ki rãnhrãj vãnh kar ūn ta fóg vĩ tó kórég ẽn pi ne ki há nĩ ū mỹ (...) kỹ kanhgág tū pẽ vỹ ne ki há tū nĩ ser fóg mỹ (...) (EMILIO, 2014).

Abaixo a tradução da fala da dona Joana:

> O kukrū[9] é responsável por essa perda de valores da cultura do povo kaingang, pois ela contrariava a prática tradicional de cultivo, a maneira própria de conseguir alimentos, proibindo as crenças, rituais, e o uso da língua, enfim, tudo o que era relacionado ao índio foram condenando pelos colonizadores.

2.4 Fatores que geraram mudança na agricultura na TI Guarita

Atualmente na TI Guarita predomina o cultivo de trigo, soja e milho. As sementes e os insumos agrícolas são comprados fora da Terra Indígena e os produtos também são vendidos fora, no comércio de grande porte, assim como manda o capitalismo. Em relação a essa questão, a situação mais marcante é que a maior parte da população não tem condição suficiente para investir em suas lavouras porque a produção para o comércio implica em grande investimento, nesse caso os que tem menos condições financeiras acabam muitas

[9] Kukrū mág: panela grande ou panelão; denominação Kaingang do SPI;

vezes sendo dominados pelos “grandes”. Em consequência disso, algumas pessoas se obrigam a lotear os seus pedacinhos de terra na tentativa de garantir um terreno para os seus filhos futuramente, porque dividindo a extensão da terra indígena pela população atual daria mais de três hectares de terra para cada pessoa e, isso nos leva a crer que precisamos promover uma política de gestão de ocupação da Terra Indígena Guarita e sabemos que as questões de terra indígenas envolve a responsabilidade da FUNAI acompanhar.

O senhor Luiz Katin, capitão do setor de Linha São Paulo, relata que quando era jovem plantavam somente para o seu próprio sustento e não para vender.

> Havia uma grande variedade de milho, na época tinha: *Gãr piratu, gãr kughu, gãr kupri, gãr ma e gãr nóho* com variadas cores, sementes e formas de sabugos distintas. Tinha vários tipos de milho pipoca também. Hoje não sei se existe. Eu sou a favor de resgate dessas plantas por que a agricultura de hoje não sustenta mais a gente. (KATIN MATIAS, 2014).

A Terra Indígena Guarita no seu interior guarda muitas belezas naturais, porém é foco da cobiça dos *fóg* que por sua vez, tendo algumas brechas para plantar pedacinhos da terra abusam no uso de agrotóxicos sem nenhuma técnica de cuidado com o meio ambiente e, em consequência disso, houve relatos dos pescadores que teriam achado embalagens de herbicidas jogadas dentro do rio *Gojfã*[10] no ano de 2013.

Além do mais, com o crescimento da agricultura extensiva os pequenos agricultores indígenas são obrigados a derrubar as matas ciliares para abrir as suas rocinhas comprometendo as fontes de rios e os olhos d´águas, conforme demonstra a imagem a seguir (figura 13).

Figura 13. Roça em cima de olho d’agua aldeia Mato Queimado – TI Guarita

[10] Gojfã: Rio principal da T.I. da Guarita

Fonte: Foto da acadêmica da UFSC, Elizamara Ferreira (julho de 2013)

Figura 14. Mata ciliar em degradação (parte queimadas) com o crescimento da lavoura de plantio de milho nas encostas e nas margens do rio *Gojfã* aldeia Mato Queimado – TI Guarita

Fonte: Foto da acadêmica da UFSC, Elizamara Ferreira (agosto de 2013).

2.5 A agricultura tradicional contemporânea

Chamaremos de horticultura as atividades agrícolas tradicionais das famílias Kaingang atualmente, pois quase todas as famílias na comunidade Nufág possuem hortas de verduras e legumes importantes na dieta Kaingang. Veja a seguir.

Figura 15. Horta do senhor Argeu Mig Amaral morador da comunidade Nufág aldeia Linha São Paulo – TI Guarita.

Fonte: Foto da acadêmica da UFSC, Elizamara Ferreira (agosto de 2014)

Figura 16. Plantio de melão e melancia do Senhor José Emilio, morador da aldeia Mato Queimado – TI Guarita.

Fonte: Foto do acadêmico da UFSC Batista Amaral (10 de dezembro de 2014)
Figura 17. Plantações de mandioca, feijão, milho e melancia todos juntos ao redor da casa do senhor Marcos Amaral, morador da comunidade Nufág, na linha São Paulo – TI Guarita

Fonte: Foto do acadêmico da UFSC, Batista Amaral (10 de Dezembro de 2010)

Figura 18. Pomar de árvores frutíferas do Senhor Leomar Amaral, morador da comunidade Nufág da aldeia Linha São Paulo – TI Guarita

Fonte: Foto do acadêmico da UFSC, Batista Amaral (10 de Dezembro de 2010)

Hoje em dia na Guarita os Kaingang possuem pomar de árvores frutíferas nativas e enxertos, possuem hortas, planta mandioca, batata doce, feijão, cana de açúcar etc. Também possuem criação de gado, porcos, galinhas etc.

Sendo assim vale a pena ressaltar que temos a nossa própria forma de produzir, ao contrário da agricultura imposta na terra indígena Guarita que por sua vez favorece aos comércios de grande porte e não a alimentação das famílias indígenas Kaingang.

CAPÍTULO 3. TRADIÇÃO E CULTURA KAINGANG

3.1 Significado do milho no universo Kaingang – TI Guarita

Neste capítulo falaremos sobre o jeito Kaingang de ver o mundo, nossa cosmologia e cosmografia e o milho como elemento central da manutenção da tradição e de nossa cultura.

Do ponto de vista Kaingang o *kanhgág gãr Pẽ* significa resistência. Entre os avanços do hibridismo e o crescimento da monocultura, por mais simples lavouras que sejam ele ainda aparece entre os grandes cultivos de trigo, soja e o milho híbrido, como se o *gãr Pẽ* representasse os Kaingang e as outras culturas fossem representadas pelo trigo, soja e o milho híbrido.

Dessa forma cremos que o *kanhgág gãr Pẽ* é um elemento muito forte para manutenção da cultura Kaingang. Aliás, conforme nossa mitologia o milho regenerou-se da morte de um velho *kujá*[11] chamado de *Gãr*[12], cuja aldeia estava numa crise de fome. O velho *kujá* cansado de viver com o peso da idade resolveu tomar uma decisão pedindo aos seus *jamré*[13] e seus filhos que o matassem, arrastando-o numa roça com uma corda no pescoço. Pediu ainda que após a sua morte o enterrassem bem no meio da roça e pediu também que eles fossem embora por três luas viver somente de caça e pesca, na volta para a aldeia eles teriam que visitar a roça, onde haveria uma planta que livraria eles da fome. Sem querer eles se obrigaram a fazer. Passaram as três luas eles voltaram para a aldeia e na roça onde enterraram o velho *Gãr* havia nascido pés de milho, que livrou eles da fome. Em homenagem ao saudoso velho *kujá* chamaram o milho de G*ãr* na língua Kaingang. Então, certamente a morte para este povo é uma passagem do estado orgânico para outra ou sua contraparte.

> A morte, para os Kaingang, é a contraparte da vida, ou uma parte indissociável dela (...) os Kaingang preferem as metáforas para referir à morte: "ele viajou", ou "ele foi para debaixo da terra". Concebem essa passagem muito mais como uma mudança de estado do que um fim (...) É como se a morte fosse um ato voluntário daquele que quer morrer. (VEIGA, 2000, p.4,5).

O velho Kaingang chamado *Gãr* há muito tempo atrás deu a sua contrapartida na crise da fome, atualmente cremos que a comida é uma benção de Deus, não é por acaso que o *tupẽ*

---

[11]*Kujá*: espiritualista Kaingang, curandeiro Kaingang.
[12] Gãr: milho.
[13]*Jamré*: marcas opostas na tribo Kaingang que se casam; neste caso são os genros do *kujá*.

(Deus) teria sacrificado o velho *Gãr* a se transformar em milho, segundo mito da origem do milho. (BORBA,1908, p. 23).

Também vale a pena ressaltar que a organização social Kaingang baseia-se no mundo dividido em duas partes distintas *kamé* e *kajru*. Ambas são metades tribais que complementam. Um dos exemplos é a história do sol e a lua.

RÃ KAR KYSÃ KÃME

*Ẽg tupẽ vỹ**rã** kar **kysã** ag hyn-han ja nĩgnĩ. Ag tỹ nén ũ kar tỹ ga kri nỹtĩ ẽn kirĩr mũ jé.*
Hãra ag vỹ kejẽn jagnã tujũ ja nĩgnĩ.
Jagnã kri ta ũn mág nĩ sór ka.
*Ag jagnã mỹ vĩ kỹ**rã** vỹjũ tĩg ja tá **kysã** kanẽ ki tãnh mũ.*
- Ẽn kãgrá hãvỹ kejẽn ta vỹ tỹrỹrỹr ki ke mũ.
*Kỹ tóg fỹ mũ ser: **Kysã** ti.*
- Kỹ ti kynhme kãgrá hãvỹ kejẽn ta vỹ fãn kãtavĩn ki ke mũ.
Hãra kejẽn ag vỹ jagnã tu jagtar ke mũ gé.
- Ẽn kãgrá hãvỹ tỹ ta no nĩ ser.
*Kỹ**rã** tóg **kysã** mỹ: Kurã tá sóg ag vej mũ... ke mũ.*
*Kỹ**kysã** tóg **rã** mỹ vãnhkajéja: Jãvo sóg kutyg kỹ ag vej mũ... Ke mũ.*
*Kỹ**rã** kar **kysã** ag vỹ jagnã ta vãnyn sór ja nĩgnĩ, ga kri nén ũ mũ ag ve sór ka.*
Ti tũg vẽ. (EMILIO, 2014)

Para eles o sol representa o *kamé* e a lua representa o *kajru* cada um com a personalidade distinta associada a seu respectivo criador. Nos momentos ritualísticos ou manifestações as pessoas se identificam por *rá téj*: marca comprida e o *rá ror*: marca circular ou redonda.

Da mesma forma as plantas também levam as marcas conforme as folhas, utilidades e cores.

> (...) os mitos de origem registrados sugerem que os irmãos **Kamẽ** e **Kanhru** fizeram cada qual certos animais. Na versão apresentado por Nimuendajú entre tanto, consta que fizeram todos os animais e plantas, os quais seriam reconhecidos pelas marcas e aspectos físicos associados ao respectivo criador. (HAVERROTH, 1996, p.38).

Essa visão do mundo coloca em questão sobre qual a marca do milho, levaria a comunidade da Guarita afirma que partindo no ponto de vista das folhas o milho é *kamé*, mas se levarmos em consideração a sua utilidade seria o *kajru* de qualquer forma eis a questão.

Vale apena ressaltar também que antigamente a vida Kaingang não dependia do capital para sobreviver, porque a natureza se encarregava de sustentar. Logo depois do contato, com a degradação do meio ambiente os recursos naturais foram se esgotando, causando extinção de algumas espécies de animais e plantas que faziam parte da gastronomia Kaingang. Mas o importante é que ainda guardamos em nossas memórias a relação Kaingang com a natureza. Visto na história Kaingang contada pela Dona Joana:

> **Ẽkór Kãme**
>
> *Vãsã ũ tóg nĩgtĩ.*
>
> *Ti má fi hã mré tóg fi ĩn kã nĩgtĩ.*
>
> *Hãra kejẽn ti má fi vỹ:*
>
> *- Sỹẽkor han mũ! Ke mũ. Kỹ fi vỹ gãr tóg grãnh, ka kre ki nĩm kỹ goj kãkã nĩm tĩ mũ ser. Ka kurã tẽgtũ vỹ tĩ mũ ser kejẽn. Kỹ tóg fi jamré ta koj ha tỹvĩ tĩ.*
>
> *Kỹ tóg: Sa inh má fi mỹ ha ã ẽkor venh tĩg kej ma! Kemũ. - Kỹ tóg: Má! Ã ẽkór ta há nĩ ha, ha mãn tĩ. Ke mũ. - Kỹ fi tóg: Krá!...Torever ! Pógópĩ Kyr jé! Ke mũ, ti má fi.*
>
> *Hãra kejẽn kurã ũ kã pógópĩ ta kyr mũ ser: Ky tóg pógópĩ,pĩ,pĩ,pĩ. Kemũ.*
>
> *- Kỹ ti tóg: Má! Hamã! Pógópĩ ta kyr hore. Kor ã ẽkor mãn tĩg ser ke mũ.*
>
> *- Kỹ fi tóg: Krá!... Torever! Kunón kyr jé: Ke mũ, ti má fi. Hãra kejẽn kurã ũ kã kunón ta kyr mũ gé ser: Ky tóg kuóóón, kunóóón, kunóóón.*
>
> *Ke mũ. Kỹ ti tóg: Má! Hamã Kunón ta kyr hore. Kor ã ẽkor mãn tĩg ser. Kemũ.*
>
> *Kỹ fi tóg: Hamãn tĩg ser, há ti nĩ ha. Kemü*
>
> *Kỹ fi jamré tóg, ti má fi mỹ fi ẽkór mãn tĩ mũ ser goj tá. Kỹ fag vỹkrej ki vin ka sógsẽm mũ, fag tỹ ta miju han ge vẽ ser, fag tỹ*
>
> *tavẽjẽn to ko jé, kar tỹ kórẽ han jé gé.*
>
> *Hãvẽ, ẽkór kãme ti.* (EMILIO, 2014).

É como se as histórias tradicionalmente contadas tivessem norteando a vida do povo Kaingang.

Considerações finais

Os povos indígenas sofreram muito desde o primeiro contato até conseguirem garantir os seus direitos no novo texto constitucional de 1988, mas mesmo assim ainda lutam para a efetivação dos seus direito que muitas vezes não são respeitados.

Os conhecimentos tradicionais Kaingang estão pautados na produção de alimentos que está intimamente ligada à terra e à ocupação territorial.

A cultura não é estática, está em constante mudança, por isso é que os Kaingang atualmente trabalham de carteira assinada, se submetendo as mesmas regras que a sociedade envolvente.

Pesquisando sobre o *Gãr Pẽ* concluímos que ele tem muito a ver com a comunidade Kaingang da Terra Indígena Guarita do modo que as pessoas dessa localidade revelam a sua intimidade com o milho.

Os conhecimentos da relação do índio com a natureza ainda são repassados para a futura geração na base da oralidade como de costume dando a certeza de que a tradição Kaingang está viva na memória do povo. Vale dizer que o crescimento populacional é significativo. Isso faz com que a gente tenha a certeza de que daqui em diante os Kaingang na medida do crescimento populacional vão ocupando o seus espaços na vida profissional dentro e fora da terra indígena.

Certamente a futura geração terá um modo de vida totalmente diferente de nós, levarão a vida de igual para igual com as sociedades não indígenas, pois temos a certeza que a maioria terá acesso às universidades que valorizarão os valores culturais deste povo.

É importante ressaltar também que além de ser um trabalho de conclusão do curso parecia um trabalho de avivamento da cultura. Entre a comunidade da Linha São Paulo estabeleceu-se uma expectativa muito grande e as pessoas foram generosas demais com a gente durante o desenvolvimento da pesquisa, contudo prometemos a volta do produto final para essa comunidade.

Bibliografia e Fontes

CIMI SUL. **Informações sobre a população indígena no sul do Brasil**. Chapecó: 2012. Mim

CORREIA, Jáder Figueiredo. (Coord.). **Relatório da Comissão de Inquérito incumbida de apurar as irregularidades do SPI**. Rio de Janeiro, 1967.

BALDUS, Herbert. "**Culto aos Mortos entre os Kaingang de Palmas**". Ensaios de Etnologia Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. pp. 29-69.

BORBA, Telêmaco Morocines. **Actualidade Indígena**. Impressora Paranaense. Curitiba, 1908. 172 p.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. **O movimento indígena no oeste catarinense e sua relação com a igreja católica na diocese de Chapecó/SC nas décadas de 1970 e 1980**. 2012. 564 f. Tese de doutorado. (Programa de Pós Graduação em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

CUNHA, Manoela Carneiro da. **Os direitos do índio: ensaios e documentos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HAVERROTH, Moacir. Kaingang um Estudo etnobotânico: As plantas e as categorias Kamé e Kairu. **XX Reunião Brasileira de Antropologia**. Salvador-BA, 1996.

EPÉ, Programa Wajãpi. Alguns Conhecimentos Sobre Agricultura; (2007).

PÖRSCH, Juliano**. Saberes da Natureza e Conhecimento Etnobotânico Indígena: o caso da comunidade Kaingang na Terra Indígena do Guarita**. 2011. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

TOMMASINO, Kimiye. Homem e natureza na ecologia dos Kaingang da bacia do Tibagi. In: _____ et al. (Org.). **Novas Contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Eduel, 2004. p. 157.

VEIGA, Juracilda. Cosmologia Kaingang e suas práticas rituais. **XXIV Encontro Anual da Anpocs**. Campinas: PPGCS – IFCH – UNICAMP, 2000.

Fontes orais

MATIAS, Luiz Katin. **Entrevista concedida a Batista Amaral e a Elizamara Ferreira** TI Guarita, agosto, 2014.Data de nascimento do entrevistado 09.06.1962.

EMILIO, Joana N. **Entrevista concedida a Batista Amaral e a Elizamara Ferreira** TI Guarita, julho de 2014. Data de nascimento da entrevistada: 17/08/1924

Anexo:

Dez receitas de comida a partir do milho

A seguir registramos os conhecimentos da senhora dona Joana Nikó Emilio com a idade aproximada de 90 anos e muita experiência de vida. Ela se colocou a disposição para nos passar as informações com a preocupação de poder passar adiante o conhecimento sobre a forma tradicional de transformação do milho em alimento. Elas nos ensinou 10 receitas de comidas elaboradas a partir do *Gãr Pẽ.*

Figura 19. Foto da dona Joana Nikó Emilio na sua casa de chão batido

FONTE: Foto da acadêmica da UFSC, Elizamara Ferreira (21 de junho de 2014)

1) **Kyfe**

Mẽnfyfy ke tũn ka kajika nej kajã ka kanhgág fag ta runja ki nĩm nĩm kej mũ ẽn hãvỹ tỹ ta kyfe nĩ.

O kyfe é uma bebida fermentada feito de mẽnfyfy ou kajika. Para fazer, as mulheres Kaingang mastigam o mẽnfyfy ou a kajika cozida com caldo e colocam numa vasilha para fermentar, logo depois ela é consumida.

2) Pisé e Mẽnfyfy

Gãr kanã há totor tynyn ka ẽg vỹ gren fino ki grég tĩ, ka ũ tynyr tavĩ ẽn hãvỹ ta pisé nĩ. Jãvo ũn rynhryj ẽn vỹ tỹ ta mẽnfyfy nĩ. Joana N. Emilio (julho, 2014).

O pisé e o mẽnfyfy são alimentos feitos de milho. Primeiro se deve selecionar as sementes de milho e torrar numa panela no fogo de chão com um pouco de cinza para não queimar. Em seguida se deve colocar o milho torrado no pilão e socar até virar farinha fina que é o pisé, o que não virou farinha é o mẽnfyfy.

3) Miju

Ẽkór ta ẽg vỹ miju han tĩ. Kyfé tãpér ta ẽg ta pĩ kri fig tĩ, ka ẽg ta ti rỹg ka ẽkór sógsẽm ja ta mĩ tutĩn mũ, kỹ tóg ti grẽka vym kej mũ, kỹẽg vỹnen ũ kuprẽ ki pãgfũnh kej mũ, hãvẽ ser miju ti.

Miju é um alimento feito a partir do milho. Para fazer miju o milho passa por um processo chamado de ẽkór. Pega-se o ẽkór socado no pilão e passa na superfície de uma chapa quente de ferro, retira-se quando ele se soltar, nesse caso o miju está pronto.

4) Ẽgjỹgá

Ẽgjỹgá han ja ẽg vỹẽmro ven mũ. Ke tũn ka ẽg vỹ gãr rój ta han tĩ gé. Ti tỹ ta ẽmro kỹẽg vỹ mãn ka kupe ka néj mũ ser ke tũn ka ẽg vỹnén ũ tãg ki tótón mũ gé. Ẽn hã tu ẽg ta ẽgjỹká kike mũ.

Ẽgjỹgá é um alimento a partir do milho. Para fazer o ẽgjỹgá o milho passa por um processo chamado de ẽmro ou pode ser louro. Pega-se o ẽmro lava-se bem e depois cozinha ou frita na banha, isso é chamado de ẽgjỹgá.

5) Ẽgto

Ẽgto tỹ ta ẽg ẽgtóm jyjy nĩ. Ẽg ẽgtóm ka ẽg vỹ mrãj kure ka gãr grãnh ka ki vin mũ, kar ẽg vỹ kapẽn ta vóg mũ gé ti togto hã tỹ ta jyjy nĩ, kanhgág jãn vẽ.

Ẽgto é uma forma de torrar o milho na cinza de fogo de chão para comer.

6) Gãr Kypün

Gãr kypün tỹ ta, gãr mó tánh ti fár hãra ẽg ta kã fig tĩ, kar ẽg ta ser kufãn ka koj mũ.

Gãr kypũn é colocar a espiga de milho verde direto no fogo com a casca depois de sapecada descasca e comer.

7) Kãr Sur

Gãr sur tỹ ta gãr ta pĩ tu sun ka grãg nĩ.

Gãr sur é assar a espiga de milho no fogo.

8) Gãr Nej

Gãr tanh nénh ẽg ta tĩ gé.

Gãr nej é cozinhar o milho verde.

9) Kajika

Kjika han ja ẽg gãr tóg grãnh ka kréj vin mũ mrãj mré, kar ẽg ta sógsãm mũ ser ti kugfar ja, ã tỹ ta kajika nĩ ser.

Kajika é uma comida feita de milho. Para fazer a kajika coloca-se o milho no pilão com um pouco de cinza, em seguida é socado para descascar e cozinhado.